



PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA FÉ: das possibilidades da aprendizagem aos resultados na vivência¹

LEARNING PROCESS IN FAITH:

from the possibilities of learning to the results in experience

Marilze Wischral Rodrigues²

RESUMO

No diálogo entre teologia e pedagogia constrói-se a base para o desenvolvimento do processo de aprendizagem na perspectiva da fé. Não é a fé que cresce, mas são as pessoas que amadurecem em atitudes que correspondem à esperança que confessam, atitudes concretas no viver diário. Considerando as dimensões cognitiva, afetiva e atitudinal do ser humano, esta pesquisa tem como principal objetivo descrever a aprendizagem que seja integral, significativa e contínua, na perspectiva da fé. Portanto, além de pesquisa bibliográfica, foi realizado trabalho de análise exegética de textos bíblicos que fundamentam cada uma destas aprendizagens. Importa considerar o contexto existencial de educandas e educandos, estabelecendo o vínculo entre fé e vida, promovendo aprendizagem integral, significativa e formação contínua na fé, ou seja, em cada fase da vida. A tarefa de formação contínua na fé é responsabilidade de todas as pessoas que participam da vida em comunidade cristã, evidenciando o sacerdócio geral de todas as pessoas que creem de forma efetiva e eficiente. Igreja de Jesus Cristo ocupa-se com o catecumenato, com o discipulado permanente, com a formação na fé de crianças, adolescentes e jovens, também de pessoas adultas e idosas, planejando e executando de forma consciente e responsável a aprendizagem integral e significativa no processo de formação na fé ao longo da vida.

Palavras-chaves: Processo de Aprendizagem. Fé. Integral. Significativa. Contínua.

¹ Este texto é uma edição de capítulo da tese de doutorado, intitulada Implicações da prática educativa cristã holística para a aprendizagem integral ao longo da vida, 2019. Artigo recebido em 15 de outubro de 2024, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 14 de novembro de 2024, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Marilze Wischral Rodrigues é Doutora em Teologia pela Faculdades EST, em São Leopoldo, R.S. Atualmente é docente na Faculdade Luterana de Teologia, em São Bento do Sul, nas disciplinas de Educação Cristã. Contato: marilze@flt.edu.br.

ABSTRACT

The dialogue between theology and pedagogy builds the basis for the development of the learning process from the perspective of faith. It is not faith that grows, but rather people who mature in attitudes that correspond to the hope they confess, concrete attitudes in their daily lives. Considering the cognitive, affective and attitudinal dimensions of the human being, this research has as its main objective to describe learning that is integral, significant and continuous, from the perspective of faith. Therefore, in addition to bibliographical research, an exegetical analysis of biblical texts that support each of these learnings was carried out. It is important to consider the existential context of students, establishing the link between faith and life, promoting integral, significant learning and continuous formation in the faith, that is, in each phase of life. The task of continuous formation in the faith is the responsibility of all people who participate in life in the Christian community, evidencing the general priesthood of all people who believe in an effective and efficient way. The Church of Jesus Christ is concerned with the catechumenate, with ongoing discipleship, with the formation in the faith of children, adolescents and young people, as well as adults and the elderly, planning and implementing in a conscious and responsible way the integral and significant learning in the process of formation in the faith throughout life.

Keywords: Learning Process. Faith. Integral. Significant. Continuous.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história da igreja, teologia e pedagogia registram duas falas sobre a vida humana. A teologia procura esclarecer e elaborar a relação do ser humano com o centro do ser, o crer que é confiar ou colocar o coração em algo ou alguém. A pedagogia procura compreender o processo de tornar-se humano e das interferências realizadas pela sociedade neste processo de aprender, de tornar-se humano.

Na tradição cristã, crer e aprender, fé e educação, teologia e pedagogia assumiram papéis distintos, porém com estreita ligação. Na interdisciplinaridade, percebem-se contribuições mútuas entre teologia e pedagogia, como: o diálogo sobre a vida e seus problemas; o pensamento sobre questões de fé, encarnadas na vida das pessoas; a definição de seus papéis, para que cada qual contribua com seus saberes específicos.

No diálogo entre teologia e pedagogia constrói-se a base para o desenvolvimento do processo de aprendizagem na perspectiva da fé. Não é a fé que cresce, mas são as pessoas que amadurecem em atitudes que correspondem à esperança que confessam, atitudes concretas no viver diário. Como afirmava Lutero:

A vida cristã não consiste em sermos piedosos, mas em nos tornarmos piedosos. Não em sermos saudáveis, mas em sermos curados. Não importa

o ser, mas o tornar-se. A vida cristã não é descanso, mas é um constante exercitar-se. Ainda não somos o que devemos ser, mas em tal seremos transformados. Nem tudo já aconteceu e nem tudo já foi feito, mas está em andamento. A vida cristã não é o fim, mas o caminho. Ainda nem tudo está luzindo e brilhando, mas tudo está melhorando.³

Este estudo tem como principal objetivo descrever a aprendizagem que seja integral, significativa e contínua, na perspectiva da fé, considerando as dimensões cognitiva, afetiva e atitudinal do ser humano, ou seja, o ser humano integral.

2 PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA FÉ

Considerando o conhecimento e sistematização de diferentes teorias de aprendizagem, serão observadas aqui as teorias que buscam descrever o processo de aprendizagem na fé. Para tanto, faz-se necessário iniciar pelo conceito de fé.

A palavra fé, do latim *fides*, é considerada como “sinônimo de crença; crença nas doutrinas de alguma religião; fidelidade a compromissos e promessas; confiança”⁴.

Para aprofundar o conceito de fé, são importantes as reflexões de James W. Fowler, quando afirma que fé é “[...] o modo em que uma pessoa ou um grupo penetra no campo de força da vida. É o nosso modo de achar coerência nas múltiplas forças e relações que constituem a nossa vida e de dar sentido a elas”⁵. Distinguindo fé de crença e de religião, Fowler cita Smith, que diz:

A fé é mais profunda, mais rica, mais pessoal. [...] É uma orientação da personalidade em relação a si mesmo, ao próximo, ao universo; é uma resposta total; [...] uma capacidade de viver além de um nível mundano; de ver, sentir e agir em termos de uma dimensão transcendente. [...] Na sua melhor forma ela assume o aspecto de serenidade, coragem, lealdade e serviço: uma tranqüila confiança e alegria que capacita a pessoa a sentir-se em casa no universo, e a achar sentido no mundo e em sua própria vida, um sentido que seja profundo e último e que seja estável.[sic]⁶

3 LUTERO, Martim. **Martim Lutero** – Palavras. Disponível em: <www.luteranos.com.br/site/conteudo_organizacao/confessionalidade-luteranos-em-contexto/martim-lutero-palavras>. Acesso em: 06 dez. 2018.

4 MICHAELIS: dicionário prático da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2008, p. 388.

5 FOWLER, James W. **Estágios da fé** – A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido. São Leopoldo: Sinodal/EST-IEPG, 1992, p. 15.

6 SMITH, W. C. **Faith and belief**. Princeton: Princeton University, 1979, p. 12 *apud* FOWLER, 1992, p. 21.

Fé é uma característica subjetiva, fundamental e universal da vida humana que busca pelo relacionamento, pela abertura e pela confiança no outro; que orienta e impulsiona pensamentos e ações do ser humano em suas lutas e propósitos de vida; pois, segundo Fowler:

[...] fé implica um alinhamento da vontade, um repousar do coração, de acordo com uma visão de valor e poder transcendentais, [...] não é uma dimensão separada da vida, [...] é uma orientação da pessoa total, dando propósito e alvo para as lutas e esperanças, para os pensamentos e ações da pessoa.⁷

Segundo Mauro M. AmatuZZi, pesquisador brasileiro sobre o desenvolvimento religioso do ser humano, “[...] a fé originariamente nada tem a ver com religião. Trata-se de um traço de caráter, de uma característica da ação humana: sua firmeza, sua determinação, sua confiança”⁸. AmatuZZi concorda com Fowler quando afirma que fé é o “[...] que anima a pessoa, essa certeza implícita que é mola de seu movimento, é sua fé atuante, fé no sentido geral, humano”⁹. Os dois teóricos também concordam que fé envolve a pessoa em sua totalidade não sendo algo separado da vida humana.

AmatuZZi e Fowler defendem que a fé dá sentido e significado à vida, pois “a fé se pronuncia ativamente sobre um sentido de vida, traz significados sobre o mundo.”¹⁰. Porém, enquanto Fowler concebe a fé como um elemento universal, comum a todas as pessoas, vinculado ao desenvolvimento cognitivo – que elabora sentido e significado, num processo consciente de construção de sentido, AmatuZZi se interessa pela fé como um elemento psicossocial da religião, vinculado a práticas religiosas sociais, ou seja, ao desenvolvimento psicossocial.

Para os dois teóricos, a fé nem sempre é religiosa, pois a fé enquanto lealdade, confiança, pode ser colocada em ideias, pessoas, ideais, projetos, instituições. Para AmatuZZi, a fé se torna religiosa quando “se faz experiência da indagação pelo significado último [...] em função de sua intensidade, associada à totalidade e abrangência de seu envolvimento [...] quando cremos totalmente”¹¹. Ou ainda quando “[...] seu objeto último é concebido como transcendente e misterioso, a partir da experiência vivida da relação com o todo, tornada possível pelo

7 FOWLER, 1992, p. 24.

8 AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia do desenvolvimento religioso**: a religiosidade nas fases da vida. São Paulo: Ideias & Letras, 2015, p. 26.

9 AMATUZZI, Mauro M. Fé e ideologia na compreensão psicológica da pessoa. In: **Psicologia**: Reflexão e Crítica. [S.l.], v. 16, n. 3, 2003, p. 572. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a15.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

10 AMATUZZI, 2003, p. 569.

11 AMATUZZI, 2003, p. 569-570.

símbolo.”¹². Fowler e AmatuZZi também concordam que a fé é uma característica da vida e ação humanas, que gera confiança e abertura para o relacionamento com outro ser. No campo religioso, este outro ser, a quem a fé é dirigida, é o ser transcendente. Portanto nesta pesquisa, sobre o processo de formação e aprendizado na fé ao longo da vida, considera-se o conceito antropológico de fé, mas opta-se pelo conceito teológico, pela fé religiosa que se apresenta na relação do ser humano com o transcendente.

O filósofo e teólogo Paul Tillich defende que fé “é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente”, é um ato que exige obediência cega, independentemente de seu conteúdo. Em complemento, fé também é “um ato da pessoa como um todo [...] é o ato mais íntimo e global do espírito humano”. E ainda, fé “é um ato integral procedente do centro do eu pessoal, no qual percebemos o incondicional, o infinito, e por ele somos possuídos”. Ou seja, vem do centro da pessoa, atinge a globalidade do ser e transcende a dinâmica da vida humana¹³. Este pensamento é corroborado pelo que Jesus Cristo diz: “pois onde estiverem as suas riquezas, aí estará o coração de vocês”¹⁴. O coração entendido como centro da vontade humana e a fé como a riqueza, o tesouro que orienta as escolhas do ser humano.

Outro texto bíblico cita exemplos de personagens conhecidos por atos de fé: Abel, Enoque, Noé, Abraão, Sara, Isaque, Jacó, José, Moisés, Raabe, Gideão, Baraque, Sansão, Jefte, Davi, Samuel e os profetas. Por seus atos define-se fé como sendo “a certeza de que vamos receber as coisas que esperamos e a prova de que existem coisas que não podemos ver. [...] Sem fé ninguém pode agradar a Deus, porque quem vai a ele precisa crer que ele existe e que recompensa os que procuram conhecê-lo melhor”¹⁵. Portanto, o conceito formal e universal de fé torna-se material e particular quando se refere à fé cristã.

Ainda segundo Tillich, fé apresenta três características ou elementos:

[...] o primeiro elemento é fé em seu caráter receptivo, sua mera passividade em relação ao Espírito divino. O segundo elemento é fé em seu caráter paradoxal, a postura corajosa diante da Presença Espiritual. O terceiro elemento caracteriza a fé como antecipatória, em sua esperança na criatividade plenificante do Espírito divino.¹⁶

12 AMATUZZI, 2015, p. 30.

13 TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 5-10.

14 A BÍBLIA **Sagrada**: tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988, p. 111. Lucas 12.34.

15 A BÍBLIA **Sagrada**, 1988, p. 344. Hebreus 11.1-32.

16 TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 5.ed. revista. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2005, p. 588.

Outro autor auxilia a distinguir fé daquilo que ela não é. Stott afirma que fé “não é credulidade. Ser crédulo é ser ingênuo, completamente desprovido de qualquer crítica, sem discernimento, até mesmo irracional, no que crê”. Fé também não é otimismo, autoconfiança, crer naquilo que se quer que seja verdade. Para Stott, “fé é uma confiança racional, uma confiança que, em profunda reflexão e certeza, conta com o fato de que Deus é digno de todo crédito. [...] a fé e o pensamento caminham juntos, e é impossível crer sem pensar”¹⁷.

Para Hofmann, “a fé é um termo relacional que, entendido teologicamente, descreve a relação entre Deus e o ser humano.”¹⁸ (tradução nossa). Desde Agostinho, há a distinção entre *Fides qua* que indica o ato mesmo com o qual se confia em Deus que se revela e assume o conteúdo da revelação como verdadeiro, e *Fides quae* que indica o conteúdo da fé que é aceito, as diversas verdades de fé que são acolhidas ou cridas¹⁹. O ato de fé (*fides qua*) pressupõe um objeto de fé (*fides quae*) ao qual o ato está vinculado.

Para esta pesquisa, também é significativa a contribuição de Heinzpeter Hempelmann que apresenta algumas considerações sobre o termo fé: a) “fé é uma resposta à mensagem do tribunal ou ao chamado à conversão ou à boa notícia”; b) “fé é a resposta, reação à mensagem de Deus em Jesus de Nazaré”; c) “fé (crer) marcou uma mudança significativa na vida e na consciência de um indivíduo”; d) “fé forma comunidade”; e) “fé é relação: fé conecta com Deus e – de maneiras diferentes – com as pessoas, dependendo se essas pessoas também estão neste relacionamento ou – ainda – não”; f) “fé é a salvação, por ser resgate: a relação com Deus traz conexão com Deus como a 'fonte da vida' e significa ter vida, poder viver, ter novamente (após o perdão da culpa) oportunidades de vida”; g) “fé é se fixar em Deus”; h) “fé é esperança”; i) “fé é ação de Deus”; j) “fé é obediência”; k) “fé é a realidade perceptível”; l) “fé é evento de graça”; m) “fé é o resultado de uma luta espiritual”; n) “fé é caminho: a gente não ‘é crente’ de forma fácil e de uma vez por todas”²⁰(tradução nossa).

17 STOTT, John. **Crer é também pensar**. São Paulo: ABU, 2001, p. 33-36.

18 HOFMANN, Beate. **Sich im Glauben bilden**. Der Beitrag von Glaubenskursen zur religiösen Bildung und Sprachfähigkeit Erwachsener. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2013, p. 33. “*Glaube ist ein relationer Begriff, der – theologisch verstanden – die Beziehung zwischen Gott und Mensch beschreibt.*”

19 Distinção dos elementos que compõem a fé: “a *fides quae*, o pólo objectivo da fé, o que se acredita (o Credo); a *fides qua*, o pólo subjectivo da fé, o crédito, o grau de confiança e o assentimento que cada fiel põe naquilo que lhe é transmitido.” Cf. AGOSTINHO. **De Trinitate**. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/agostinho_de_hipona_de_trinitate_livros_ix_xiii.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2018.

20 HEMPELMANN, Heinzpeter. Glaube als Beziehungswirklichkeit. In: ZIMMERMANN, Johannes und SCHRÖDER, Anna-Konstanze (Hg.). **Wie finden Erwachsene zum Glauben?** 2. Auflage. Göttingen: Neukirchener, 2011, p. 39-44. “*Glaube ist Reaktion auf die Gerichtsbotschaft bzw. den Umkehrruf bzw. die gute Botschaft.[...] Glaube ist Ant-Wort, Reaktion auf die Botschaft von Gott in dem Jesus von Nazareth.[...] Glaube(n) markiert eine signifikante Veränderung in Leben und Bewusstsein*

Todas estas considerações mostram a amplitude possível de interpretações para o fenômeno fé. Para esta pesquisa, que busca descrever o processo de aprendizagem na perspectiva da fé, é significativo o conceito de fé como um ato, uma atitude, uma resposta, que se caracteriza por ser íntima, global, integral, incondicional, total, relacional; vem do centro da pessoa, daquilo que lhe é mais primordial, atinge o todo de seu ser e transcende a dinâmica da vida, conectando com Deus e com as pessoas, orientando a percepção, os sentimentos e as escolhas concretas da pessoa em relação a si mesma, ao próximo, ao universo e a Deus.

Apresenta-se a seguir referenciais que descrevem o processo de aprendizagem na fé em fases ou estágios e fundamentação bíblico-teológica a respeito da necessidade de aprendizagem integral e contínua, procurando estabelecer paralelo com as teorias gerais de aprendizagem.

2.1 FASES OU ESTÁGIOS DA FÉ

A principal contribuição para a compreensão do processo de desenvolvimento na fé é de James W. Fowler que nasceu em 12 de outubro de 1940, em Reidsville, Carolina do Norte, Estados Unidos e faleceu no dia 16 de outubro de 2015, em Atlanta, Georgia, após longa batalha contra a doença de Alzheimer²¹.

Como educador, eticista e teólogo, Fowler ganhou notoriedade internacional por seu trabalho pioneiro sobre o desenvolvimento da fé e na teologia prática. Mundialmente conhecido por seu livro **Estágios da fé – A Psicologia do**

eines Menschen.[...] Glaube bildet Gemeinschaft [...] Glaube ist Beziehung: Glaube verbindet mit Gott und – in unterschiedlicher Weise – mit Menschen, je nachdem, ob diese Menschen ebenfalls in dieser Beziehung stehen oder – noch – nicht. [...] Glaube ist Heil, weil Rettung: Die Beziehung zu Gott bringt in Verbindung mit Gott als der ‚Quelle des Lebens‘ und bedeutet Leben haben, leben können, wieder (nach der Vergebung von Schuld) Lebensmöglichkeiten haben.[...] Glaube ist Sich-Fest-Machen in Gott. [...] Glaube ist Hoffnung.[...] Glaube ist Wirkung Gottes. [...] Glaube ist Gehorsam.[...] Glaube ist wahrnehmbare Wirklichkeit [...] Glaube ist Ereignis aus Gnade[...] Glaube ist Resultat eines geistlichen Kampfes[...] Glaube ist Weg: Man ‚ist‘ nicht einfach und ein für alle Mal ‚gläubig‘.”

21 As crenças religiosas de seus pais também foram uma grande influência em sua vida. Seu pai era um ministro Metodista e a mãe cresceu entre os Quakers, de onde aprendeu princípios da religião e da justiça social. Após se formar na Universidade de Duke e no *Drew Theological Seminary*, Fowler recebeu o doutoramento em Religião e Sociedade da Universidade de Harvard em 1971. De 1969 a 1975, Fowler lecionou na Harvard Divinity School, seguido de um ano de ensino na Faculdade de Boston antes de ingressar na Faculdade Candler School de Emory em 1977. Enquanto no Emory, Fowler ajudou a fundar o Centro para Ética em 1994 e trabalhou como seu primeiro diretor até sua aposentadoria em 2005. Era ainda ministro ordenado da Igreja Metodista Unida. Ele também era admirado por sua humildade, espírito de generosidade e por ajudar os outros a encontrar seu propósito na vida. No dizer de amigos, ele encarnou a fé sobre a qual estudou, explicou e discutiu; era otimista e esperançoso sobre a vida e o mundo e o potencial humano. Ele acreditava que as pessoas poderiam fazer uma diferença positiva no mundo. Cf. FREIGHTMAN, C.G. **James W. Fowler, 75**: Theologian, author ‘embodied the faith he studied’. Atlanta: The Atlanta Journal-Constitution, 21 oct. 2015. Disponível em: <<http://www.myajc.com/news/news/local-obituaries/james-w-fowler-75-theologian-author-embodied-the-f/nn7P7/>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

Desenvolvimento Humano e a Busca de Sentido, que se tornou um texto básico em escolas de teologia em todo o mundo. Sua pesquisa sobre o processo de desenvolvimento na fé está ancorada sobre a linha de pensamento de Jean Piaget na teoria do desenvolvimento cognitivo, Erik Erikson e o desenvolvimento psicossocial e Lawrence Kohlberg com os estágios de desenvolvimento moral.

James Fowler conceitua o viver humano como o que gira em torno de perguntas de fé que orientam a um sentido para a vida²². Estas perguntas de fé “visam ajudar-nos a refletir sobre os centros de valor e poder que sustentam nossa vida”²³. O ser humano difere dos demais animais porque pergunta “em que consiste a vida [...]. Nós exigimos sentido. Necessitamos de propósitos e prioridades”²⁴. A fé, por esta distinção, é um valor humano universal.

Fowler faz uma distinção entre fé, religião e crença para poder clarear o que pertence ao campo da fé quando se pesquisa sobre o seu desenvolvimento. Assim, ele define fé como “a maneira pela qual uma pessoa ou grupo responde ao valor e poder transcendentais, conforme são percebidos e apreendidos através das formas de tradição cumulativa. [...] A fé é despertada e nutrida pelos elementos da tradição”²⁵.

Segundo Danilo Streck,

Fowler não nega que a fé seja fruto da graça de Deus. Ele também não está preocupado em propor receitas para o desenvolvimento da fé. O que ele pretende fazer – e o faz com argumentação convincente – é mostrar que ao longo dos ciclos da vida nossa maneira de crer muda e que nestas mudanças há uma espécie de padrão universal que indica não o caminho percorrido por todas as pessoas, mas um certo potencial em termos de fé.²⁶

Para Fowler, a fé é sempre relacional: alguém tem fé em, confia em, é leal a algo ou alguém outro. Segundo ele,

Nossas primeiras experiências de fé e fidelidade começam com o nascimento. Somos recebidos e acolhidos com algum grau de fidelidade por aqueles que cuidarão de nós. Por sua consistência em suprir as nossas

22 Cf. RODRIGUES, Marilze Wischral. A experiência de fé em cada fase do desenvolvimento humano. In: **Vox Scripturae** – Revista Teológica Brasileira. São Bento do Sul, v. 18, n. 2, p. 131-137. Disponível em: <<http://vox.flt.edu.br/download/12/97/a-experiencia-de-fe-em-cada-fase-do-desenvolvimento-humano>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

23 FOWLER, 1992, p. 15.

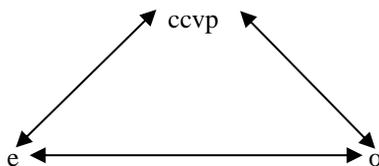
24 FOWLER, 1992, p. 16.

25 FOWLER, 1992, p. 20.

26 STRECK, Danilo R. Fé e Desenvolvimento Humano. In: **Estudos Teológicos**. São Leopoldo/RS, v. 32, n. 2, 1992, p. 209-211. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/971/940>. Acesso em: 02 jul. 2018.

necessidades, por nos criarem um espaço valioso em suas vidas, aqueles que nos recebem providenciam uma experiência inicial de lealdade e confiabilidade.²⁷

Já entre pais e filhos, a fé se expressa num padrão de relacionamento, que Fowler representa com um formato triádico, conforme diagrama e explicação a seguir:



Ao longo da linha que constitui a base da tríade vemos o fluxo bidirecional entre o *eu* (e) e os *outros* (o), de amor, confiança e lealdade mútuas que tornam possível a identidade. Acima da base, no vértice da tríade, vemos uma representação do(s) *centro(s) compartilhado(s) de valor e poder* da família (ccvp). [...] A fé é um empreendimento relacional, triádico ou pactual em seu formato.²⁸

Ainda segundo Fowler, destaca-se o que pode ser definido como o processo de aprendizagem na fé, em que

[...] desde o início de nossa vida, somos confrontados com o desafio de achar ou compor algum tipo de ordem, unidade e coerência nos campos de força de nossa vida. [...] a fé é a nossa maneira de discernir e nos comprometer com centros de valor e poder [...] é um processo dinâmico, surgido de nossas experiências de interação [...] é despertada e moldada por essas interações e pelas imagens, símbolos, rituais e representações conceptuais, [...] é um modo ativo de conhecer²⁹.

Os estágios da fé de Fowler se apresentam num movimento espiral ascendente, em que cada novo estágio está vinculado a aspectos dos estágios anteriores resgatando-os, ampliando-os, reestruturando-os e incorporando-os. Cada estágio identificado por Fowler apresenta uma força capaz ou não de produzir a fé para o estágio seguinte.

Segundo o autor, “todos nós começamos a peregrinação da fé quando bebês”. Nossa adaptação no mundo em que entramos com o nascimento “depende tanto do progresso de nossa maturação global quanto da forma em que as pessoas e

27 FOWLER, 1992, p. 25.

28 FOWLER, 1992, p. 26.

29 FOWLER, 1992, p. 32-33.

as condições de nosso ambiente nos recebem e nos fazem entrar em interação”. Esta interação é que dá forma à confiança, “confiança nas pessoas que cuidam de nós e no ambiente que proporcionam; confiança na própria pessoa, em seu valor e no senso de estar em casa; confiança no mundo de maior sentido que cerca incipientemente a criança e as pessoas que cuidam dela”³⁰.

A espiral da aprendizagem na fé inicia com a fé *indiferenciada*, com base no relacionamento de mutualidade entre pais-filhos e se expressa por confiança, autonomia, esperança e coragem.

A fé *intuitivo-projetiva*, em que as crianças “combinam fragmentos de histórias e imagens fornecidas por sua cultura, integrando-os em seus próprios conjuntos de associações significativas concernentes a Deus e ao sagrado”³¹; as crianças recorrem à fantasia e à imaginação para se relacionar com as outras pessoas e precisam ser levadas a sério. O autor aponta para a grande utilidade das narrativas por parábolas, que contribuem para o nascimento da imaginação, e que o realismo das narrativas ajuda as crianças a externalizarem ansiedades e acharem imagens ordenadoras para sua vida³².

A fé *mítico-literal* “traz consigo a capacidade de ligar nossas experiências, formando sentido, por intermédio de histórias”³³. Embora seja característica dos primeiros anos de idade escolar, alguns adolescentes e adultos podem permanecer nesta etapa de fé. As operações concretas ajudam a criança a distinguir o real do imaginário e a elaborar narrativas, que além de despertar o interesse, “tornam-se meios para a extensão da experiência da criança e de sua compreensão da vida”³⁴. A imagem antropomórfica de Deus é elaborada a partir da comparação das ações de Deus com as ações de seus pais, ou outros adultos de sua convivência, por conta da capacidade que a criança adquire de assumir a perspectiva de outras pessoas, passando “os significados que lhe foram comunicados pelos filtros de suas próprias estruturas de conhecimento e valoração”³⁵. A relação do ser humano com Deus se baseia na reciprocidade, na troca de favores e proteção por boas ações. A narrativa capacita o ser humano a “descobrir e dar coerência à experiência”³⁶.

Na fé *sintético-convencional*, começam a ser construídas relações sociais, para além dos contextos familiares, e definem-se a identidade e a fé pessoal do

30 FOWLER, 1992, p. 105-106.

31 FOWLER, 1992, p. 113.

32 FOWLER, 1992, p. 117.

33 FOWLER, 1992, p. 118.

34 FOWLER, 1992, p. 119.

35 FOWLER, 1992, p. 122.

36 FOWLER, 1992, p. 129.

adolescente, mas também pode ser “um lugar permanente de equilíbrio”³⁷ para muitos adultos. Como o pensamento operacional formal é capaz de refletir sobre o próprio pensamento, o ser humano pode ver, examinar a própria vida como um todo, sintetizar valores e informações, como se estivesse observando à margem da vida, formando identidade e perspectiva pessoal. Na adolescência se quer “um Deus que conheça, aceite e confirme profundamente o próprio eu”. Esta imagem significativa de Deus pode “exercer um poderoso efeito ordenador sobre a identidade e a perspectiva de valores do adolescente”³⁸.

Na fé *individuativo-reflexiva*, o indivíduo busca por autenticidade, através da reflexão crítica sobre os valores anteriormente aceitos; do ego executivo moldado por um “estilo de vida variante em relação a um etos valorativo compartilhado”³⁹; da tradução de símbolos para significados conceituais; da tensão entre individualidade e espírito de grupo, entre subjetividade e objetividade, entre autorrealização e serviço altruísta, entre o relativo e o absoluto, entre a lógica e a abstração⁴⁰.

A fé *conjuntiva* “suspeita que as coisas estão organicamente relacionadas umas às outras; [...] reconhece a tarefa de integrar ou reconciliar o consciente e o inconsciente. [...] está pronta para encontros significativos com outras tradições”⁴¹. A força vital está em integrar contradições. Crenças, valores e significados entram em choque e o ser humano tem que construir uma nova postura de fé, capaz de sustentar e fundamentar o restante de sua vida, na busca de realização e integridade.

A fé *universalizante* caracteriza-se pelo envolvimento e comprometimento radical “para a transformação da realidade atual na direção de uma realidade transcendente”⁴². Chegar a esta fé significa possuir um elevado desapego pessoal, uma radical identificação com situações desumanas e um intenso amor e cuidado com as outras pessoas. Não significa que estas pessoas sejam perfeitas, porém apresentam qualidades acima da normalidade. Para James Fowler, as raras “pessoas que chegam a corporificar a fé universalizante são levadas a esses padrões de comprometimento e liderança pela providência de Deus e pelas exigências da história”⁴³.

Para Fowler, o ser humano se desenvolve na fé, perguntando pelo sentido da vida, na relação com as outras pessoas, com base em *amor, confiança e lealdade*.

37 FOWLER, 1992, p. 146.

38 FOWLER, 1992, p. 132.

39 FOWLER, 1992, p. 152.

40 FOWLER, 1992, p. 154-155.

41 FOWLER, 1992, p. 156-158.

42 FOWLER, 1992, p. 168.

43 FOWLER, 1992, p. 170.

Por isto é importante que se conheça a espiral do processo de aprendizagem na fé, utilizando interesses, necessidades, forças e elementos nela presentes para melhor nortear, referenciar e sustentar o processo dinâmico de desenvolvimento do ser humano.

Outra contribuição importante é de AmatuZZi, que elabora uma hipótese geral do desenvolvimento religioso, com base nas teorias de Piaget, Fowler, Kohlberg, Erikson e Oser/Gmünder. Embora sua teoria se apresente na “forma de etapas ou fases sequenciais mais ou menos definidas”, ela tem a intenção de auxiliar na ampliação e no aprofundamento da “compreensão da natureza do fenômeno religioso”⁴⁴.

AmatuZZi trabalha com os conceitos de senso religioso, forma religiosa pessoal, o grau de enraizamento da religião ou da forma religiosa, vivência religiosa, experiências religiosas, fé religiosa, desenvolvimento religioso. Diferente de Fowler, que propõe “uma abordagem formal de estruturas que se constroem sucessivamente, uma dependendo da outra, em estágios bem definidos”, AmatuZZi propõe uma hipótese mais descritiva “de fases ou etapas da vida que se caracterizam por desafios que estão sendo enfrentados”⁴⁵. Ele fala

[...] da fase do *bebê*, no primeiro ano de vida, da *criança*, entre 2 e 6 anos, do/a *menino/a*, dos 7 aos 12 anos aproximadamente, do/a *adolescente*, dos 13 aos 18/20anos, do/a *jovem adulto/a*, dos 21 aos 30 anos mais ou menos [...] o *adulto* propriamente dito, entre os 30 e os 45/50 anos (mais preocupado com o gerar e o cuidar), e o *adulto maduro* dos 45/50 aos 60 anos mais ou menos [...], o *adulto mais velho*, após os 60 anos mais ou menos, que diferenciamos da etapa de proximidade da morte.⁴⁶

AmatuZZi descreve o desenvolvimento religioso em cada etapa do desenvolvimento pessoal, com os seguintes elementos: desafio central, necessidades predominantes, experiência básica, consequência, religião e enraizamento da religião, os quais serão apresentados a seguir.

O desafio central para *os bebês, no primeiro ano de vida* é “passar do sonho à realidade, descobrir um mundo independente do eu (elaborar a diferenciação ‘eu-mundo’)”. Suas necessidades predominantes são fisiológicas e de proteção ou segurança. A experiência básica que vivem é “de uma confiança fundamental, tecida no aconchego da relação com os pais, e capaz de tirar a pessoa de dentro de si mesma e fazê-la viver neste mundo”. Como consequência os bebês manipulam os objetos do seu entorno de forma realista e em qualquer forma de experiência religiosa

44 AMATUZZI, 2015, p. 137-167.

45 AMATUZZI, 2015, p. 151.

46 AMATUZZI, 2015, p. 151-152.

posterior, “a confiança básica será ressignificada”. A religião se apresenta não de forma enraizada, mas “totalmente implícita na confiança básica, ou então como religião da família”, através de gestos de cuidado⁴⁷.

Na etapa da *criança de 2 a 6 anos*, o desafio central é aceitar o outro como separado de si mesmo e autônomo, e mover-se do ciúme à relação com o outro; a necessidade predominante é de proteção ou segurança; a linguagem é sua experiência básica que reconstrói simbolicamente o mundo interior. A criança começa a se abrir para dialogar e cooperar e conseqüentemente “[...] a religião da família começa a ser apropriada através dos símbolos (ou ritos, ou imagens sintéticas) que resumem seu significado” e o enraizamento da religião acontece quando “os objetos significados pelos símbolos religiosos são sentidos como externos e dotados de um poder absoluto sobre a criança”⁴⁸.

Descobrir-se ativo/a, capaz, competente e hábil é o desafio central para *o menino e a menina dos 7 aos 12 anos*; necessita predominantemente ser protegido, estar seguro, participar e receber afeto. A experiência básica de coragem e iniciativa gera como consequência a segurança interior e a autoestima. A religião “vai sendo apropriada agora também através do sentido de narrativas, histórias que são contadas” e o enraizamento da religião se dá quando, “embora os objetos significados permaneçam externos e dotados de poder, existe a possibilidade de uma influência sobre eles por parte do sujeito (preces, ritos, obediência a preceitos etc.)”⁴⁹.

O adolescente e a adolescente dos 13 aos 18/20 anos vivem o desafio central de “passar de uma indefinição (ou definição a partir de fora) para uma definição pessoal (a partir de dentro) e descobrir uma verdade pessoal mais profunda e dinâmica”. Necessitam predominantemente de participar, ser valorizados e estimados e receberem afeto. Sua experiência básica é ensaiar papéis pessoalmente escolhidos, tornando mais eficazes e realistas suas escolhas e ação. Começam a questionar a identidade e a religião recebidas e passam a buscar uma religião a partir de escolhas feitas pelos papéis exercidos. O enraizamento da religião “está relacionado com o grau de pessoalidade das escolhas; é uma idade de experiências provisórias que podem se confirmar ou não”⁵⁰.

A etapa *do/a jovem adulto/a dos 18/20 aos 30 anos aproximadamente* apresenta como desafio central “abrir-se para uma relação mais pessoal e profunda”. Suas necessidades predominantes de participar, receber afeto e estima, e ser

47 AMATUZZI, 2015, p. 157-158.

48 AMATUZZI, 2015, p. 158-159.

49 AMATUZZI, 2015, p. 159-160.

50 AMATUZZI, 2015, p. 160-161.

valorizado estão associadas à experiência básica de intimidade que produzirá como consequência relações significativas. Por este motivo, religião ou sistema de crenças passam a ser fundamentadas pela razão e pela experiência, ainda que a pessoa mantenha “formas religiosas anteriores ou convencionais”, inadequadas a essa etapa. O enraizamento da religião acontece na medida em que há intimidade e maior aproximação da religião com a vida⁵¹.

A *pessoa adulta dos 25/30 aos 40/45 anos mais ou menos* tem como desafio central e experiência básica ser fecunda, cuidando de nova geração. Sua necessidade predominante é de ser estimado e produtivo, e realizar “ampliação e expansão social”. A religião pode manifestar-se “expandindo-se criativamente em atividades externas ou internas (quando não ficou estacionada em formas anteriores)” e no enraizamento da religião, há uma tendência de aproximação e aprofundamento entre o sistema de crenças e a vida concreta da pessoa⁵².

Na etapa do *adulto maduro, dos 40/45 aos 60 anos aproximadamente*, o desafio central é “superar as rotinas e os padrões assumidos e encontrar um sentido mais pessoal para a vida”; a necessidade predominante é de autorrealização, e a experiência básica de liberdade e sentido pessoal trará alegria e discernimento. A religião pode ter um caráter mais pessoal, com a “superação de seus aspectos rígidos e estereotipados (podendo até levar a um abandono se não houver um bom apoio experiencial ou conceitual)”, e o enraizamento da religião aumenta na medida em que religião e vida se integram⁵³.

A *pessoa adulta mais velha, dos 60 aos 80 anos mais ou menos*, terá como desafio central se libertar de apegos e descobrir a simplicidade da vida; suas necessidades predominantes são de autorrealização e transcendência, somadas a experiência básica de viver, vitalizar terá como consequência “serenidade (além do prazer), sabedoria (além da ciência)”. Se não recuou a formas anteriores de religião, ela expressa “uma relação experimentada na humildade diante do mistério”. E o enraizamento da religião acontece pela integração com a vida, ao ponto de se fundirem⁵⁴.

A última etapa da hipótese de desenvolvimento religioso de AmatuZZi é a etapa da *proximidade da morte*, quando o desafio central é se aproximar do significado da plenitude, passando da vida para a morte. A necessidade predominante é de transcendência; a experiência básica é de entregar-se, devolver a vida, e a consequência será a dissolução do *eu* empírico e “uma abertura para o

51 AMATUZZI, 2015, p. 161-162.

52 AMATUZZI, 2015, p. 163.

53 AMATUZZI, 2015, p. 163-164.

54 AMATUZZI, 2015, p. 164-165.

totalmente outro”. A religião relativizada “assume plenamente seu caráter de expressão da relação quase direta com o mistério”. No enraizamento da religião, “a entrega total e confiante é o supremo ato religioso, capaz de resgatar todas as respostas aos desafios anteriores”⁵⁵.

Há de se considerar ainda na hipótese de AmatuZZi, que em cada etapa podem ocorrer falhas, dificuldades, deficiências, carências que podem produzir variações no desenvolvimento religioso, nem sempre progressivas no sentido de se alcançar maturidade na fé.

Assim como para Fowler, o ser humano se desenvolve na fé, perguntando pelo sentido da vida, na relação com as outras pessoas, também AmatuZZi concebe a experiência religiosa como um fator determinante do envolvimento das pessoas no seu jeito de viver a vida. Fowler reconhece que o processo de aprendizagem na fé norteia e sustenta o processo dinâmico de desenvolvimento do ser humano. De outra forma AmatuZZi reconhece que a experiência religiosa facilita ou obstrui o desenvolvimento, a menos que a vivência religiosa seja muito superficial. Ou seja, a aprendizagem na fé é com certeza mais ativa no desenvolvimento humano do que a vivência religiosa possa ser em promover confiança no transcendente. A aprendizagem na fé está mais para a relação entre Deus e o ser humano, que dá sentido à vida, enquanto a vivência religiosa está mais para a busca do ser humano por uma relação com o transcendente.

2.2 A NECESSIDADE DE APRENDIZAGEM INTEGRAL NA PERSPECTIVA DA FÉ

Concebe-se a aprendizagem integral como aquela promovida pela educação que “assume-se na sua pluridimensionalidade quando assegura o equilíbrio entre todos os domínios do desenvolvimento e da aprendizagem, isto é, os domínios cognitivo, afectivo, emocional, físico, espiritual e estético”⁵⁶. Freire enfatizava que “aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas”⁵⁷.

55 AMATUZZI, 2015, p. 165-166.

56 MARQUES, Ramiro. **Dicionário breve de pedagogia**. Lisboa: Editorial Presença, 2000. Disponível em: <http://pedagogiaaopedaletra.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2011/10/Dicionario_de_pedagogia.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2015.

57 FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1993, p. 10.

A necessidade de **aprendizagem integral** na perspectiva da fé será fundamentada pelo trabalho de análise exegética do texto do evangelho de João⁵⁸, a partir do encontro que Jesus teve com a mulher samaritana. Expõe-se a seguir os passos da análise exegética desenvolvida com o texto para identificar aportes que fundamentam o tema proposto. Para a realização desta análise, foram utilizadas as versões da bíblia de Almeida, na Linguagem de Hoje e de Jerusalém.

O primeiro passo para a análise do texto é de aproximação, tentando identificar sentimentos e associações. Em relação aos sentimentos presentes ou evocados no texto, registra-se: a fragilidade da samaritana, escondida na força física da mulher que busca água no poço; a nudez psicológica da personagem diante de alguém estranho que demonstrou saber muito sobre sua vida; o contentamento pela iniciativa da mulher em falar a outras pessoas sobre o que ela ouviu.

Associações foram feitas com as imagens da mulher dialogando com Jesus, depois, o cântaro deixado ao lado do poço, e por último a mulher testemunhando sobre Jesus. Destacam-se também as cores imagináveis, presentes no cenário: bege/marrom das pedras, do pó, da terra; azul cristalino da água corrente da fonte. Pergunta-se pelos possíveis significados de expressões como “água do poço”, “água da vida eterna”, “um marido, cinco maridos”, “em espírito e em verdade”.

Chama atenção no texto, a exposição argumentativa entre Jesus e a mulher; o diálogo entre fé e razão, teoria e prática, bases de fé e aplicação na vida real; a persistência de Jesus em persuadir sua ouvinte e, a atitude firme e decisiva da mulher em deixar seu cântaro.

O capítulo 4 também é o único dentre os quatro evangelhos, que descreve a compaixão e paciência de Jesus no relacionamento com a mulher samaritana, o não estar prontos para o ministério para uma comunidade samaritana, e o surgimento da confissão dos samaritanos da experiência com Jesus.⁵⁹ (tradução nossa)

Destaca-se que no versículo 28, da versão da Bíblia de Jerusalém, no lugar de “foi à cidade” está “correu à cidade”, o que pode revelar uma intensidade na ação da mulher.

Opta-se por apresentar a seguinte estrutura do texto: do v.1 ao v.6, Jesus voltava à Galileia, passando pela Samaria; do v.7 ao v.15, a oferta da Água viva para

58 João 4.1-30,39. Cf. **BÍBLIA de Almeida Revista e Atualizada**. Disponível em: <<https://www.bible.com/pt/bible/1608/HEB.6.ARA>>. Acesso em: 04 out. 2018.

59 BEASLEY-MURRAY, George R. **Word Biblical Commentary**. Texas: Word Books Publisher, 1987, p. 66. “chap. 4 is also unique among the four Gospels, in its description of the compassion and patience of Jesus in dealing with a Samaritan woman, his willingness to minister to a Samaritan community, and the confession arising from their experience of him.”

a samaritana; do v.16 ao v.24, Jesus dialoga sobre a vida moral e religiosa da mulher; do v.25 ao v.27, é revelada a identidade de Jesus; do v.28 ao v.30 e 39, a reação da mulher e demais samaritanos à mensagem recebida na revelação de Jesus.

Na sequência, será feita a apreciação do contexto literário. No contexto maior, o livro de João é o quarto evangelho, último a ser escrito. O conteúdo do livro de João está assim distribuído: o *prólogo* proclama a encarnação em Jesus Cristo do *Logos* divino (1.1-18). *Dois* partes principais: 1. A atividade de Jesus no mundo (1.19-12.50); 2. Seu retorno ao Pai (13.1-20.29). *Conclusão*: a finalidade do livro (20.30s). *Suplemento* (21). E o texto do capítulo 4, localiza-se na primeira parte principal, que relata a atividade de Jesus no mundo.

O gênero literário de João é evangelho, que conta a atividade de Jesus. João difere dos sinóticos em três aspectos: a) o número de viagens de Jesus a Jerusalém; b) a estrutura cronológica e topográfica da atividade de Jesus; c) a estrutura de descrição e apresentação, e pelo material utilizado⁶⁰.

Segundo consta em João 20.30ss.: “para crerdes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida eterna em seu nome”, o objetivo do evangelho de João é instruir os membros da comunidade, confirmar e fortalecer a fé dos cristãos. João mostra aos cristãos que Jesus é o verdadeiro Revelador, o único que deve ser exaltado.

No contexto menor, enquanto o capítulo 4 “aparentemente forma uma unidade independente, está ligado intimamente com os eventos dos cap. 2 e 3”⁶¹ (tradução nossa), pois mencionam elementos semelhantes: água viva, que é transformada em vinho, templo, adoração. Está entre o capítulo 3, que narra o encontro de Jesus com Nicodemos, um dos principais dos judeus, relata sobre o ministério de Jesus na Judeia e o testemunho de João Batista, fala sobre a relação do Filho e do Pai, de Jesus e de Deus que o enviou; e o capítulo 5, que relata a cura de um enfermo em Betesda e apresenta o discurso de Jesus sobre sua missão e obra.

O conteúdo do texto em questão apresenta como *personagens*: Jesus, os fariseus, os discípulos, João Batista, a mulher samaritana, os samaritanos da cidade de Sicar. É relevante lembrar que no fundo histórico, ainda que os samaritanos “fossem descendentes dos israelitas que formaram o reino de Israel (o reino do Norte), no tempo de Jesus não eram reconhecidos pelos judeus como verdadeiros israelitas”⁶², pois os consideravam pagãos, ritualmente impuros, gente que deve ser

60 KÜMMEL, W.G. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 240-315.

61 BEASLEY-MURRAY, 1987, p. 58. “While 4:1-42 apparently forms an independent unit, it is closely linked with the events on chap. 2 (and chap.3).”

62 Concordância Temática. In: BÍBLIA de **Estudo Almeida**. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000, p. 35.

evitada, por conta da mistura de etnias entre samaritanos e assírios, que remonta o período pós-cativeiro babilônico⁶³.

O gênero literário do texto é narrativo com diálogo entre alguns personagens. A linguagem é metafórica (ex.: a água corrente passa a significar a água da vida eterna). O público alvo é a mulher samaritana e seus concidadãos. O estilo do texto é expositivo-argumentativo. A narrativa do encontro de Jesus com a mulher samaritana aparece apenas neste evangelho. São expressões-chave no texto: água da vida, em espírito e em verdade, “Eu o sou”, deixou o seu cântaro, muitos samaritanos creram.

Para desenvolver a análise do texto serão apresentados a seguir alguns comentários. No v.3, Jesus se retirou da Judeia e voltou a Galileia para evitar o “surgimento de uma desavença” com João⁶⁴, mas também “para cumprir a obra planejada para ele por seu Pai [...] A missão para os samaritanos não foi planejada por Jesus, mas foi desejada por Deus”⁶⁵ (tradução nossa).

No v. 6 fala que Jesus estava “cansado da viagem”. O evangelista coloca em evidência os traços da humanidade genuína de Jesus, que se deixa tocar por nossas fraquezas humanas⁶⁶. Lembra-se aqui das duas naturezas de Jesus: verdadeiro Deus e verdadeiro ser humano: “A peregrinação a pé nas montanhas e o calor do meio dia o cansavam como homem. A rejeição, crítica e cegueira lhe dão trabalho, como Deus”⁶⁷. Cansado da viagem sentou-se perto da fonte. No original aparece a palavra *fonte* e não *poço*; o “evangelista quer fazer notar, sem dúvida, que esse poço não era uma cisterna destinada a recolher as águas da chuva, segundo o costume do oriente, senão que era alimentado por uma fonte subterrânea de água corrente”⁶⁸ (tradução nossa).

O v.7 aponta para um ponto de contato entre a mulher samaritana e Jesus, pelo fato de os dois buscarem água. No v.9, a surpresa da mulher era compreensível, pois “as diferenças religiosas entre judeus e samaritanos eram sérias e profundas”⁶⁹,

63 Cf. II Reis 17.29.

64 BRUCE, F.F. **João**. São Paulo: Mundo Cristão, 1987, p. 95.

65 BEASLEY-MURRAY, 1987, p. 59.”to accomplish the work assigne to him by the Father[...]. The mission to the Samaritans was unplanned by Jesus but willed by God.”

66 BRUCE, 1987, p. 97.

67 CAMINHO E TESTEMUNHO. São Bento do Sul: União Cristã, 1988. v. 2, p. 50-51.

68 BONNET, Luis; SCHROEDER, Alfredo. **Comentario Del Nuevo Testamento**: Juan e Hechos. El Paso, Texas: Asociacion Bautista Argentina de Publicaciones/Casa Bautista de Publicaciones, 1986, p. 106. “*el evangelista quiere hacer notar, sin duda, que ese pozo no era una cisterna destinada a recoger las aguas de lluvia, según La costumbre Del oriente, sino que era alimentado por una fuente subterránea de agua corriente.*”

69 BRUCE, 1987, p. 97.

nem usavam os mesmos utensílios. Percebe-se, aqui, uma intenção no pedido de Jesus.

No v.10, Jesus apresenta uma gradação de ideias: primeiramente falando do dom de Deus, pelo fato de a mulher poder ver e ouvir o Salvador; logo ela viria a descobrir quem lhe pedia água; e por último, ele daria água viva. A expressão *água viva* era comum referindo-se à água corrente ou manancial, “em oposição à água de chuva recolhida em cisternas”⁷⁰ (tradução nossa). Jesus a utiliza metaforicamente em relação ao que ele oferece a quem crê (v.10), “como um verdadeiro presente de Deus [...] indispensável [...] maior do que a fonte mais pura da terra pode dar. [...] A água corrente ilustra de modo adequado o suprimento fresco e perene da graça de Deus”⁷¹.

Como a mulher insistisse em querer a água material, para não mais precisar vir buscá-la, Jesus persiste instruindo quanto à água que sacia a sede da alma do ser humano. “Cristo, somente, pelo Espírito que lhe comunica, apaga sua sede para sempre. [...] o Espírito de Deus que vivifica a alma regenerada, permanece nela e se constitui nela uma fonte permanente, que sempre mana até a vida eterna”⁷² (tradução nossa).

Nos v. 17 e 18, a mulher é surpreendida novamente, por ter sido tocada “num ponto de sua vida que estava naturalmente sensível”⁷³, sua vida matrimonial instável, seus relacionamentos pessoais fracassados. Por tocar em sua intimidade, ele “dirige a conversação até um domínio mais acessível de sua interlocutora, o da consciência e da vida moral”⁷⁴ (tradução nossa).

Nos v. 21-24, Jesus aponta para a importância do *como* adorar a Deus, chamando-o de Pai, fazendo-o “em espírito e em verdade”, aqui e agora, conforme o desejo de Deus⁷⁵, indicando que a “adoração em espírito tem lugar na parte mais íntima de nossa alma”⁷⁶ (tradução nossa).

Nas palavras da samaritana *nos anunciará todas as coisas*, observa-se “o contraste que há entre esta noção de um Messias profeta e as ideias dos judeus, que

70 BONNET; SCHROEDER, 1986, p. 107. “por oposición la agua de lluvia recogida en cisternas.”

71 BRUCE, 1987, p. 98.

72 BONNET; SCHROEDER, 1986, p. 108. “Cristo solo, por el Espíritu que le comunica, apaga su sed para siempre. [...] el Espíritu de Dios que la vivifica, permanece en ella y constituye en ella una fuente permanente, que siempre mana hasta la vida eterna.”

73 BRUCE, 1987, p. 101.

74 BONNET; SCHROEDER, 1986, p. 109. “Jesús dirige la conversación hacia un dominio más accesible a su interlocutora, el de la conciencia y la vida moral.”

75 BRUCE, 1987, p. 103-104.

76 BONNET; SCHROEDER, 1986, p. 111. “La adoración en Espíritu tiene lugar en la parte más íntima de nuestra alma.”

fazem do Messias um rei, um personagem político”⁷⁷ (tradução nossa). No paradoxo com a samaritana e seus conterrâneos, a identidade de Jesus Cristo começa a ser revelada: é mais um judeu (v.9), passa a ser um profeta (v.19), talvez o Messias (v.29), e, finalmente, o Salvador do mundo (v.42)⁷⁸.

No v.28, é interessante a imagem de a samaritana ter deixado o cântaro, pois era o objeto que representava o motivo dela estar ali, junto ao poço. O abandono do jarro “é uma parábola da renúncia do cerimonial antigo praticado tanto por judeus como por samaritanos, por parte daqueles que, pela fé em Cristo, receberam o dom divino da vida eterna”⁷⁹. Ela pode ter agido “por efeito de sua emoção, ou [...] para correr mais ligeiro aos concidadãos, ou por último porque estava decidida a voltar”⁸⁰ (tradução nossa).

No v.29, a mulher revela a descoberta feita em relação ao Messias, porém interpela seus concidadãos com a pergunta: *Será este, porventura, o Cristo?* Esta pergunta destina-se “somente a despertar a atenção deles e a impulsioná-los a ir convencer-se por si mesmos”⁸¹ (tradução nossa). No v.39, muitos samaritanos acreditaram no testemunho da mulher e eles precisaram de pouco tempo para elaborar sua própria visão a respeito de Jesus⁸².

Partindo para a compreensão do texto analisado, percebe-se que o mesmo relata o encontro entre Jesus e uma mulher samaritana em que ele lhe pede água. Depois Jesus instiga na mulher um desejo de uma condição melhor, oferecendo água viva. Ele desperta a consciência de sua interlocutora e lhe presenteia com o culto verdadeiro.

A sede do ser humano “pode adquirir significados diversos: materiais, uns; espirituais, outros. Temos sede de água e de carinho, de dinheiro e de felicidade, e pão e de verdade, e cultura e de dignidade, de paz e de segurança, de justiça e de direitos humanos”⁸³.

Como encher o vazio humano? Há uma resposta que ecoa pelos séculos em forma de oração de um dos pais da igreja cristã; “Senhor [...], porque nos fizeste

77 BONNET; SCHROEDER, 1986, p. 111. “el contraste que hay entre esta noción de un Mesias profeta y las ideas de los judíos, que hacían del Mesías un rey, un personaje político.”

78 CABALLERO, Basílio. **Nas fontes da palavra:** leitura, meditação e anúncio: Ano A. Aparecida/SP: Ed. Santuário, 1992, p. 79.

79 BRUCE, 1987, p. 106.

80 BONNET; SCHROEDER, 1986, p. 113. “por efecto de su emoción, ya [...] para correr más ligero hacia sus conciudadanos, ya, por último, porque estaba decidida a volver.”

81 BONNET; SCHROEDER, 1986, p. 113. “solo a despertar la tención de ellos y a decidirlos a ir a convencerse por sí mismos.”

82 BEASLEY-MURRAY, 1987, p. 64.

83 CABALLERO, 1992, p. 81.

para ti, e nosso coração está inquieto enquanto não encontrar em ti descanso.”⁸⁴. Jesus vê na samaritana, e no ser humano por extensão, “um desejo insatisfeito de satisfação”⁸⁵: sua situação de mulher (indigna), samaritana (impura), necessitada (de água e da água viva), com uma moral inadequada (muitos maridos), com uma religiosidade fragilizada (por estar presa a ritos, locais e papéis sociais). Este desejo pulsa na vida da samaritana de forma integral, em sua realidade étnica, física, religiosa, social, intelectual, moral, emocional, espiritual. Todas as áreas da vida foram tocadas neste encontro com Jesus e sua palavra libertadora. Sua dignidade é restabelecida, seus relacionamentos são curados, sua autonomia é construída.

Pelo simbolismo da água, este texto relaciona-se com os capítulos anteriores, Nicodemos (cap.3) e a transformação da água em vinho (cap.2). O símbolo da água representa a transformação que precisa acontecer: a água precisa ser substituída por vinho ou por água viva⁸⁶. Segundo Jesus, a condição para a sede do ser humano ser suprida é “conhecer o dom de Deus e quem é o que pede de beber” (v.10). Nas palavras de Caballero, “conhecer o dom de Deus, avivar a fé, proceder com sinceridade e reconhecer-se pecador e necessitado diante de Deus”⁸⁷. Do encontro de Jesus com a samaritana depreende-se a dinâmica pedagógica de um encontro de fé de um ser humano sedento com Deus, em Jesus Cristo, a Água viva.

Quando no v.39, a “água viva” de Jesus transformou a mulher em fonte transbordante e outras pessoas sentiram refrigério, retira-se aqui uma aplicação individual e comunitária: Jesus transforma a vida de cada pessoa individualmente, mas as consequências alcançam a vida da comunidade, do corpo de Cristo⁸⁸. Jesus vê a realidade toda da mulher samaritana. Quando Jesus, em seu diálogo com a samaritana, parte de questões concretas e periféricas do cotidiano existencial, e toca a essência do ser humano, na intimidade do encontro, ele deixa claro o fio condutor das relações educacionais, no âmbito da fé cristã. Ele “desenvolve toda uma pedagogia catequética (Jo 4.5-42)”⁸⁹. Jesus desenvolve um processo de aprendizagem integral na fé, quando ouve e faz a samaritana ouvir o que ele tem a dizer, permite que ela investigue e descubra verdades existenciais, assimile e assuma

84 SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/santo_agostinho_-_confissoes.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2018.

85 CAMINHO E TESTEMUNHO, 1988, p. 50-51.

86 DODD, Charles Harold. **A interpretação do quarto evangelho**. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 414.

87 CABALLERO, 1992, p. 82.

88 BRUCE, 1987, p. 108-109.

89 CABALLERO, 1992, p. 79.

responsabilidades em sua vida. Portanto, este relato fundamenta a necessidade de se considerar a aprendizagem integral do ser humano na perspectiva da fé.

2.3 A NECESSIDADE DE APRENDIZAGEM CONTÍNUA NA PERSPECTIVA DA FÉ

Quando uma pessoa consegue atribuir novos significados ao conhecimento e faz isto usando sua experiência de vida e conhecimentos acumulados, então se diz que ela continua aprendendo, e pode fazer isto ao longo da vida, basta que tenha o desejo e as condições para fazê-lo. Para isto, é necessário que se tenha conhecimento sobre como a aprendizagem acontece, que haja predisposição de aprendizagem, que cada qual identifique seu jeito único de aprender, que se organizem adequadamente os ambientes, que haja pessoas auxiliares no processo de aprender e que se identifique quando se pode buscar e interpretar informações sobre um determinado assunto⁹⁰. Quando a educação assume o papel de “preservar as faculdades criadoras do indivíduo e, [...] interessar-se pelo total desenvolvimento do indivíduo enquanto ser humano livre”⁹¹, ela se transforma em formação continuada, em que é necessário “aprender a aprender” por toda a vida.

A necessidade de **aprendizagem contínua** na perspectiva da fé será fundamentada pela análise do texto da carta de Hebreus⁹², a partir da exortação feita aos leitores da carta de buscar a maturidade na fé. Da análise exegética desenvolvida com o texto identificam-se aportes ao tema proposto. Foram utilizadas as versões da bíblia de Almeida, da Edição Pastoral, de Jerusalém e a Bilíngue.

Numa primeira aproximação com o texto, registram-se os sentimentos de impasse, tristeza, decepção, resiliência, confiança. Também foram feitas associações com imagens: boca (falar), ouvidos (ouvir), leite e alimento sólido, criança e adultos, exercício (atividade física). Chama atenção no texto: a repetição dos “princípios elementares”: dos oráculos de Deus e da doutrina de Cristo; a constatação do diagnóstico sobre a vida de fé dos hebreus e a exortação a sair do impasse e avançar em maturidade na fé.

O texto pode apresentar a seguinte estrutura: 5.11-12 – situação dos cristãos hebreus; 5.13-14 – leite e alimento sólido, criança e adultos; 6.1-3 – exortação aos cristãos hebreus. E quanto ao contexto literário, a carta aos Hebreus

90 VALENTE, José Armando. Aprendizagem continuada ao longo da vida. In: KACHAR, Vitória (org.). **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez Editora, 2001, p. 27-44.

91 ARENILLA, Louis *et al.* **Dicionário de pedagogia**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2000, p. 188.

92 Hebreus 5.11-6.3. Cf. **BÍBLIA de Almeida Revista e Atualizada**. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/1608/HEB.6.ARA>. Acesso em: 04 out. 2018.

apresenta problemas para sua compreensão, por faltarem respostas a uma série de perguntas com relação ao fundo histórico em que foi escrita⁹³.

Apesar de não se saber quem é seu autor, pode-se identificar que é alguém com formação helenista, com grego de alto nível, que meditou e pensou bem antes de escrever, que tem consciência de seus argumentos e tem sensibilidade e tato para exortar seus leitores que também não são identificados com clareza. São cristãos, mas podem ser judeus ou gentios que assumiram a fé cristã. São conhecedores das bases da fé, que já deveriam ser mestres, mas ainda não são. Viviam em Roma ou em Alexandria ou em Jerusalém.

No contexto maior, a carta foi escrita no primeiro século da era cristã, provavelmente com a intenção de ajudar cristãos a se manter e fortalecer na fé, vinculando o sentido verdadeiro do AT à natureza e obra de Jesus Cristo, como sumo sacerdote superior. Os temas principais são: o Filho como revelação definitiva de Deus, o sumo sacerdócio, o sistema sacrificial e a nova e melhor aliança.

No contexto menor, a perícopes se encontra dentro da apresentação de Jesus como sumo sacerdote, acima de qualquer outro, e de seu ministério na nova aliança. Apresenta a crítica à imaturidade espiritual dos cristãos diante de princípios básicos da palavra de Deus.

O texto apresenta como personagens o autor do texto, seus leitores, o próprio Deus. O pano de fundo histórico é judaico por causa da influência do AT sobre o autor, vinculando o “pensamento da superioridade de Cristo, tanto como sacerdote quanto como sacrifício” ao testemunho do Pentateuco⁹⁴. Por sua intenção, a carta aos hebreus revela “como os cristãos leram e entenderam o AT no tempo dos apóstolos”⁹⁵.

Para alguns estudiosos, o gênero literário do texto é uma carta direta a uma comunidade de fiéis. Para outros é um sermão, uma pregação, pois o estilo da redação indica que foi escrita para uma situação eclesial específica, com a intenção de instruir. Após a exposição sobre a superioridade de Cristo, até o capítulo 5, o autor faz uma pausa para exortar, desafiar seus leitores, preocupado com seu estado espiritual.

No verso 11 faz uma advertência quanto ao conteúdo que pode ser desconhecido, distante, e por isto difícil de explicar, mas também faz a crítica por seus leitores se terem tornado lentos em compreender o que se lhes ensina.

93 GUTHRIE, Donald. **A carta aos hebreus**. Introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1984, p. 13.

94 GUTHRIE, 1984, p. 36.

95 LAUBACH, Fritz. **Carta aos Hebreus: comentário esperança**. Curitiba: Evangélica Esperança, 2000, p. 17.

Desenvolvimento negativo acontece diante de alguns perigos: estagnação, deficiência de fé e de capacidade de compreensão espiritual.

No v.12, o autor exorta que os cristãos já estão tempo suficiente na fé e com potencial para ensinar outros, mas parecem ser intelectuais com falta de percepção espiritual, e que cristãos imaturos precisam de cristãos maduros para instruí-los nos “oráculos de Deus”, nos “princípios elementares”, no ensino básico do evangelho.

A metáfora do leite e do alimento sólido em relação ao ser criança ou adulto na fé aparece também em I Co 3.1-2. Os dois alimentos “são essenciais, mas não dá para ficar só com o primeiro”⁹⁶. Como se pode ser debilitado fisicamente, também se pode ser espiritualmente. Se só se alimenta de leite faltam os nutrientes que dão crescimento, maturação. Quando se quer permanecer criança em Cristo, não se consegue digerir alimento sólido que promova maturidade. É preciso ter o encontro pessoal com Jesus Cristo, a experiência da salvação. Mas também é preciso aprofundar o relacionamento com ele e perceber a abrangência deste relacionamento para a vida pessoal, como a vida vai se modificando na medida em que se tem mais intimidade com este Deus.

Quando se diz que os cristãos precisam de alguém que os ensine de novo o elementar, significa ter que voltar aos primeiros passos de sua vida de fé, como alguém que por algum acidente ou doença tem que reaprender as coisas mais elementares da vida física mesmo. Sabe-se andar, mas é preciso recuperar o controle dos movimentos físicos.

Nos v. 13 e 14, o autor faz uma distinção entre criança e adulto na fé. A criança é inexperiente, falta-lhe prática. Mas também não é normal querer permanecer criança, como também está dito em 1 Co 3.11: “Quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino”. Maturidade significa desejar desenvolvimento a partir da infância espiritual, para que se alcance aperfeiçoamento dos santos, pleno conhecimento do Filho de Deus e crescimento em tudo naquele que é o cabeça, Cristo⁹⁷.

Para as coisas de Deus precisa-se mais do que conhecimento eventual, mas “uma aplicação regular da disciplina espiritual”⁹⁸. É preciso treinar a mente, de forma constante, para discernir entre o bem e o mal. Como filhos e filhas de Deus, ele concede a possibilidade de desenvolver hábitos de discernimento espiritual: lidar com a palavra de Deus com regularidade, evidenciar paciência em momentos difíceis, nutrir intimidade com Deus e desenvolver comunhão entre os irmãos e as

96 GUTHRIE, 1984, p. 127.

97 Cf. Ef 4.12,13,15.

98 GUTHRIE, 1984, p. 128.

irmãs na fé. Os frutos da maturidade surgem no testemunho de cada qual, na exortação entre os/as irmãos/ãs e no serviço prestado a quem dele necessita.

Em Hebreus, capítulo 6, v.1, com a expressão “deixemo-nos levar”, a criança deixa elementos da infância para trás para amadurecer em frente. A ideia é de ser passivo, de se entregar, de permitir que a maturidade seja produzida no ser humano. Ela não é produto de ação humana, mas precisa ser almejada pelo ser humano. O crescimento espiritual precisa ser avivado e o conhecimento da pessoa de Cristo precisa ser aprofundado, em direção à perfeição, entendida como “situação intencionada de uma vida cristã espiritualmente madura [...] um modo de proclamação que ajuda o fiel a apreender de maneira cada vez mais profunda a palavra de Deus, crescendo assim numa comunhão cada vez mais estreita com Cristo”⁹⁹.

Nos v. 1 e 2, repete-se o que já foi dito em 5.12, dos princípios elementares da fé em Deus, mas agora se diz o que eles são: 1. O arrependimento e a fé em Deus; 2. Os batismos e a imposição das mãos; 3. A ressurreição e o juízo¹⁰⁰.

No v. 3, autor e leitores estão ligados, envolvidos pela mesma ação com o verbo “faremos” na primeira pessoa do plural, de forma diferente que no início do texto em 5.11, quando o autor diz “temos muitas coisas que dizer, e [...] vos tendes tornado tardios em ouvir”. Ainda um aspecto neste versículo é a permissão de Deus, sua anuência. Ou seja, “avançar para a maturidade não é mecânico nem automático, mas, sim, envolve levar em conta as condições de Deus”¹⁰¹. Só Deus pode promover aprendizado nos ouvintes, “se o Senhor o quiser”¹⁰².

Na sequência da carta, nos versos seguintes, o autor fala de experiências que devem ser vivenciadas pelos indivíduos bem como pela igreja, que passam por experiência pessoal e concreta, que são o cumprimento de promessas eternas: “perdão dos pecados, paz do coração e da consciência, alegria na fé, força espiritual para uma nova vida, experiência da ajuda de Deus no cotidiano, alegre certeza em vista do futuro”¹⁰³, continuamente, no transcorrer de sua vida de fé.

Para a compreensão do texto e sua apropriação à temática desta pesquisa, observa-se que no NT, aparece “a possibilidade de um desenvolvimento e um progresso saudáveis e normais na vida de fé [...] estágios de crescimento espiritual dos filhos de Deus”, como a infância, a adolescência e a maturidade na fé¹⁰⁴. Com o próprio Jesus foi assim, quando se diz que ele crescia “em sabedoria, estatura e

99 LAUBACH, 2000, p. 96.

100 LAUBACH, 2000, p. 97-99.

101 GUTHRIE, 1984, p. 132.

102 Cf. Tg 4.15.

103 LAUBACH, 2000, p. 100.

104 LAUBACH, 2000, p. 92.

graça, diante de Deus e dos homens”¹⁰⁵. Com os discípulos foi assim, quando Jesus foi ensinando gradativamente mais e mais aprofundado, não tudo de uma só vez e no início, mas no transcorrer da caminhada com eles, no discipulado.

O autor exorta seus ouvintes a não permanecerem parados nas doutrinas básicas do catecismo, mas a avançar em maturidade, a crescer na dependência de Jesus Cristo, a não se deixar levar ou enganar por outras doutrinas¹⁰⁶, a deixar-se instruir pelo próprio Deus. Deus mesmo quer instruir: imprimindo suas leis nas mentes, inscrevendo-as nos corações, sendo o Deus de seu povo¹⁰⁷.

Na atualidade, é preocupante “que tão poucos filhos de Deus estejam familiarizados com a palavra da Escritura Sagrada, a ponto de não viverem na Palavra e de a Palavra de Deus”¹⁰⁸ fazer tão pouca diferença na vida cotidiana dos cristãos. É preciso se deixar ensinar pelo próprio Deus, através de seu Santo Espírito, com as boas novas do Evangelho, mas prosseguindo com as promessas da palavra das Escrituras, que querem edificar pessoalmente e uns aos outros. O autor de Hebreus adverte a “aprofundar a fé, a fim de vivenciá-la de forma cada vez mais madura, consciente e consequente”¹⁰⁹.

O processo de aprendizagem contínua na fé acontece quando se cresce nas palavras da verdade, quando se aprofunda o relacionamento com Deus, quando se consegue testemunhar, ajudar outras pessoas a também conhecê-lo e experimentar sua presença em cada dia da vida, de forma mais intensa e significativa. A Igreja de Jesus Cristo se ocupará da formação contínua na fé para poder cumprir sua missão no mundo, orientando o testemunho cristão coerente com a fé confessada.

2.4 A NECESSIDADE DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NA PERSPECTIVA DA FÉ

Lembrando o que já foi dito anteriormente, na formação na fé, em havendo aprendizagem significativa, os conhecimentos da fé deixam de ser apenas conteúdos transmitidos de forma mecânica, mas passam a ter valor e significado na vida e vivência da fé, por estarem ancorados, conectados à vida das pessoas.

105 Cf. Lc 2.52.

106 Cf. Ef 4.14.

107 Cf. Hb 8.11.

108 LAUBACH, 2000, p. 93-94.

109 BÍBLIA **Sagrada**. Edição pastoral, 1990, p. 1550.

A necessidade de **aprendizagem significativa** na perspectiva da fé será fundamentada pela análise do texto de Atos dos Apóstolos¹¹⁰, a partir da conversa entre Filipe e um eunuco etíope e o quão significativo foi ouvir a boa notícia sobre quem era Jesus. Foram utilizadas as versões das bíblias de Almeida, de Jerusalém e Conselheira.

Numa primeira aproximação com o texto, são registrados os sentimentos de fidelidade, pela disposição de Filipe em fazer o que o Espírito lhe pediu, e de alegria, pela forma como o eunuco se deixou tocar pelas palavras de Filipe. Também foi feita uma associação com a imagem de alguém correndo ao lado de alguém outro com um meio de transporte mais potente: parece uma situação desconfortável ou limitante. Houve também a lembrança do tempo necessário para se expor os conteúdos básicos da fé, a respeito de Jesus, por exemplo num contexto de discipulado. Chama atenção no texto que Filipe não questionou a ordem recebida do Espírito do Senhor, antes, ele cumpre e tem um resultado efetivo.

Desde o segundo século da era cristã, a autoria do livro de Atos tem sido atribuída a Lucas. O que se pode afirmar é que era alguém com “uma alta formação grega, pois escreve muito bem e conhece perfeitamente os gêneros literários gregos”. O livro é dirigido a comunidades cristãs, identificadas com o povo de Israel, num contexto grego¹¹¹.

No contexto maior, o livro de Atos não tem a intenção de ser historiográfico segundo o conceito moderno, mas sua intenção era a edificação de seus leitores, a defesa do cristianismo diante do Estado romano e, principalmente “um testemunho do admirável caminho que o evangelho percorreu, saindo de Jerusalém e indo para Samaria, Antioquia, Ásia Menor, Macedônia e Grécia até a capital do mundo, Roma”¹¹². A perícopé analisada encontra-se na primeira parte principal do livro (capítulos 1-12).

No contexto menor, a perícopé se encontra na segunda fase de difusão do evangelho (capítulos 8-12), em cumprimento à incumbência de ser testemunhas de Jesus, na Judeia, na Samaria e nos confins da Terra, identificado pela longínqua Etiópia, de onde é um dos personagens¹¹³.

O texto em questão pode apresentar a seguinte estrutura: 8.26-29, a ordem do Espírito do Senhor a Filipe e a apresentação do cenário de sua missão; 8.30-35,

110 Atos dos Apóstolos 8.26-40. Cf. BÍBLIA de **Revista e Atualizada**. Disponível em: <<https://www.bible.com/pt/bible/1608/ACT.8.ARA>>. Acesso em: 04 out. 2018.

111 COMBLIN, José. **Comentário bíblico**: Atos dos Apóstolos. v. I: 1-12. Petrópolis: Vozes/Metodista/Sinodal, 1988, p. 57-59.

112 BOOR, Werner de. **Atos dos Apóstolos**. Curitiba: Esperança, 2003, p. 17.

113 BOOR, 2003, p. 17.

o diálogo de Filipe com o etíope, anunciando sobre Jesus; 8.36-40, o batismo do etíope e o fechamento desta missão de Filipe.

O gênero literário do texto é narrativo e apresenta como personagens: o anjo do Senhor, o Espírito, considerado como mensageiro de Deus; Filipe, o mesmo que aparece no texto exatamente anterior, na Samaria, instrumento do Espírito; o etíope, ministro eunuco da rainha da Núbia, ao sul do Egito, não-judeu, porém simpatizante do judaísmo¹¹⁴.

A perícopie imediatamente anterior também fala da ação missionária de Filipe, porém, na Samaria, onde desempenhava trabalho intenso. No entanto, no versículo 26, Deus convoca Filipe para uma nova missão. Filipe obedece e, seguindo a orientação dada, encontra o etíope eunuco com uma história pessoal de busca por Deus (v.27-28), e que estava voltando, sentado em seu carro e lendo um texto da bíblia, do livro de Isaías. Segundo Boor, “a busca por Deus, um anseio pelo Deus real e vivo, reside em cada coração humano”¹¹⁵. O etíope do texto estava buscando a intimidade do relacionamento com Deus, o deus do judaísmo de quem ele ouvia falar e por quem se sentia atraído. Depois de viajar a Jerusalém (ida e volta de 4 mil quilômetros), manter contato com mestres de Israel, o etíope volta para casa com um rolo do livro do profeta Isaías.

Os v.28 e 29 relatam que o etíope lia o texto sagrado, e Filipe foi instruído pelo Espírito para acompanhá-lo. Depois de se aproximar, Filipe interpela o etíope e inicia um diálogo a respeito da compreensão do texto lido, que se tratava de Isaías 53.7s, que Filipe, como cristão, “sabe com certeza do Espírito Santo: aqui se está falando de Jesus”¹¹⁶. Com o v.31, conclui-se que alguém terá uma melhor compreensão do que está lendo nas Escrituras se alguém experimentado nelas puder ser seu interlocutor, e Filipe cumpre bem este papel. Segundo Pesch,

Lucas, ao deixar o camareiro falar com uma requintada educação grega, enfatiza que o problema da compreensão não é de natureza intelectual, educacional; pelo contrário, o leitor da Bíblia precisa de uma introdução por um [...] experiente, um liderado pelo espírito, que estava envolvido na história do cumprimento das Escrituras. (tradução nossa)¹¹⁷

114 COMBLIN, 1988, p. 171-175.

115 BOOR, 2003, p. 133.

116 BOOR, 2003, p. 135.

117 PESCH, Rudolf. Die Apostelgeschichte. 1. Teilband (Apg 1-12). In: BLANK, Josef; SCHNACKENBURG, Rudolf; SCHWEIZER, Eduard und WILCKENS, Ulrich (hrsg.). **EKK Evangelisch-Katholischer Kommentar zum Neuen Testament**. Zürich, Einsiedeln, Köln/Neukirchen-Vluyn: Benziger Verlag/Neukirchener Verlag, 1986, p. 292. “Lukas betont, indem er den Kämmerer ein vorzügliches Bildungsgriechisch sprechen läßt, daß das Problem des Verstehens nicht intellektueller, bildungsmäßiger Art ist; vielmehr bedarf der Bibelleser einer Einführung durch einen [...] einen

No v.35, é dito que Filipe começou por este trecho a explicar sobre a mensagem de Jesus. Isto não significa que ele ficou falando o tempo todo, pois o etíope estava acostumado a tomar a iniciativa da palavra e tinha muitas perguntas para as quais procurava respostas. Tanto é assim que, chegando perto de um lugar onde havia água (v.36), o etíope pergunta sobre a possibilidade do batismo.

Segundo a Bíblia de Jerusalém, o v. 37 é uma glosa, uma nota explicativa, “inspirada na liturgia batismal”¹¹⁸ para introduzir o etíope ao ato do batismo e que não fazia parte do original grego. Ou seja, no contexto original da conversa entre Filipe e o etíope, não houve uma confissão de fé conforme formulado mais tarde na história da igreja, mas Filipe

[...] estava vendo o nítido trabalho do Espírito Santo nessa pessoa e reconhecia sua ‘fé’ muito melhor e com maior profundidade do que podia acontecer se proferisse uma ‘confissão’ oficial. [...] Essa fé, no entanto, era suficiente para a entrega ao Senhor e para ser acolhido como membro de seu corpo. Pois o ‘cristianismo’, afinal, não é um complexo sistema de idéias que é preciso aprender e compreender mediante um penoso esforço, mas sim a ligação renovadora da vida com Jesus, que é concedida ao surgir a fé. [sic]¹¹⁹

Como consequência disto, o etíope toma uma atitude decisiva, dá um passo significativo de fé em direção a Jesus: manda parar o carro e é batizado por Filipe (v.38). E no verso seguinte está expressa a certeza do etíope de estar sob o cuidado “do Jesus vivo e ressuscitado”, pois seguiu sua viagem, cheio de alegria (v.39), mesmo sendo Filipe arrebatado de sua presença¹²⁰.

A Bíblia Conselheira diz que “houve uma sequência interessante e de uma didática perfeita”, quando: Filipe se aproxima da carruagem, ouve o funcionário etíope lendo, pergunta se ele estava entendendo o que lia, o etíope responde pedindo por explicação, Filipe explica sobre o texto inicial e depois sobre tudo a respeito de Jesus, com clareza e competência, o etíope pede para ser batizado, é batizado ali mesmo na estrada e segue viagem cheio de alegria¹²¹. Ou seja, para o processo de aprendizagem significativa na fé, o texto de Atos 8.26-40 apresenta alguns elementos essenciais, quais sejam: a) disposição de se aproximar de alguém que quer saber mais sobre a fé; b) acompanhamento na caminhada pontual em que se

Erfahrenen, eines vom Geist Geführten, der sich in die Geschichte der Erfüllung der Schrift einbeziehen ließ.”

118 BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**, 1985, p. 2063.

119 BOOR, 2003, p. 136.

120 BOOR, 2003, p. 136.

121 BÍBLIA **Conselheira** – Novo Testamento. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011, p. 265-266.

encontram; c) escuta atenta dos interlocutores; d) pergunta pela demanda da pessoa que busca o conteúdo da fé; e) diálogo e explanação partindo da demanda.

2.5 DAS POSSIBILIDADES DA APRENDIZAGEM NA FÉ E DOS RESULTADOS NA VIVÊNCIA DA FÉ

Segundo a tradição da Reforma, a fé é dom de Deus, presente de Deus que se recebe de forma livre, mas que não se aprende, nem se ensina, não se pode produzi-la por vontade ou saber humano¹²². Lutero explica o que significa crer no Espírito Santo, no terceiro artigo do Credo Apostólico:

Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo evangelho, iluminou com seus dons, santificou e conservou na verdadeira fé. Assim como chama, congrega, ilumina e santifica toda a cristandade na terra, e em Jesus Cristo a conserva na fé verdadeira e única.¹²³

Hans Jürgen-Fraas afirma que a fé por ser “ação salvífica de Deus e [...] obra do Espírito Santo não pode ser ensinada”. Ela acontece na relação entre Deus e o ser humano, e se concretiza no viver diário, através de “mudanças de comportamento em termos pragmáticos, afetivos e cognitivos. [...] Não é a fé que se desenvolve, mas sim a pessoa crente em suas formas de vida, em seus modos de expressão, em sua capacidade ideativa, etc.”¹²⁴. Trata-se da aprendizagem **na** fé e não **da** fé, assim também, a formação **na** fé e não **da** fé. A aprendizagem na fé se concretiza, se expressa pelo desenvolvimento das formas de vida, dos modos de expressão, das capacidades de pensar sobre e agir em resposta à fé cristã.

Para o teólogo Norbert Mette, “quem crê não sabe mais do que outro, não pode explicar melhor o mundo, mas vive e se relaciona com o mundo de maneira diferente”¹²⁵. A aprendizagem na fé acontece quando se vive a fé, quando o testemunho de fé convida a conhecer e aprofundar a relação com Deus e com as outras pessoas. A aprendizagem na fé se expressa em atitudes que revelam o desenvolvimento da pessoa que crê na sua maneira de viver a vida, como orienta o apóstolo Paulo:

122 Cf. HOFMANN, 2013, p. 33-34: “Nach reformatorischen Verständnis ist Glaube ein Geschenk und nicht etwas, was der Mensch Von sich aus erstreben oder erzeugen kann.”

123 LUTERO, Martinho. **Os catecismos**. Porto Alegre/São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1983, p. 371-372.

124 FRAAS, Hans-Jürgen. **A religiosidade humana**: compêndio de psicologia da religião. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p. 45-47.

125 METTE, Norbert. **Pedagogia da religião**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 160.

[...] falando a verdade com espírito de amor, cresçamos em tudo até alcançarmos a altura espiritual de Cristo, que é a cabeça. [...] Com certeza vocês ouviram falar dele e, como seus seguidores, aprenderam a verdade que está em Jesus. Portanto, abandonem a velha natureza de vocês, que fazia com que vocês vivessem uma vida de pecados e que estava sendo destruída pelos seus desejos enganosos. É preciso que o coração e a mente de vocês sejam completamente renovados. Vistam-se com a nova natureza, criada por Deus, que é parecida com a sua própria natureza e que se mostra na vida verdadeira, a qual é correta e dedicada a ele.¹²⁶

Aprender na fé é descobrir em Jesus Cristo o mediador¹²⁷ da relação entre Deus e os seres humanos e “aceitar Jesus Cristo como Senhor e Salvador”¹²⁸. É viver “em resposta ao Reino de Deus em Jesus Cristo”¹²⁹. É ter “um projeto de existência que abrange todo o ser”¹³⁰, para se relacionar com as outras pessoas, com o mundo e com Deus.

A teóloga Ingrid Schoberth chama a atenção para a expressão que é título de seu livro **Glauben-lernen**, no sentido de mostrar o quanto fé e aprendizagem estão ligadas, pertencem uma a outra. Segundo ela “aprendizagem na fé tem seu início e sua realidade na fé em Jesus Cristo, que não é simplesmente aprendido de uma vez, mas que carrega e determina toda a vida e toda a história das pessoas com Deus”¹³¹ (tradução nossa).

Ela também defende que a “aprendizagem na fé não é a tomada de uma autoridade e tradição desconhecidas, mas a maneira de descobrir a fé como força motriz para a vida diária em relação à sua própria história de vida e experiência.”¹³² (tradução nossa). Ou seja, a aprendizagem na fé acontece a partir do interior das pessoas, que vão descobrindo como a fé se aplica no viver diário, se conecta com a história e as experiências vividas.

126 A BÍBLIA **sagrada**, 1988, p. 292. Efésios 4.15, 21-24.

127 A BÍBLIA **sagrada**, 1988, p. 317. I Timóteo 2.5.

128 GROOME, Thomas H. **Educação religiosa cristã: compartilhando nosso caso e visão**. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 84.

129 TILLICH, Paul. **Biblical religion and the search for ultimate reality**. Chicago: The University of Chicago Press, 1955, p. 53 *apud* GROOME, 1985, p. 94.

130 METTE, 1997, p. 159.

131 SCHOBERTH, Ingrid. **Glauben-lernen**. Grundlegung einer katechetischen Theologie. Stuttgart: 1998, p. 1. “Glauben-lernen hat seinen Anfang und seine Wirklichkeit in dem Glauben an Jesus Christus, der nicht einfach mit einem Mal gelernt ist, sondern der das ganze Leben und die ganze Geschichte von Menschen mit Gott trägt und bestimmt.”

132 SCHOBERTH, 1998, p. 2. “Glauben-lernen ist eben nicht die Übernahme einer fremden Autorität und Überlieferung, sondern der Weg der Entdeckung des Glaubens in seiner das tägliche Leben tragenden Kraft in seinem Bezug auf die je eigenen Lebengeschichte und Erfahrung.”

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o que já foi apresentado anteriormente, lembrando os dois elementos que compõem a fé, qual sejam, *fides qua* e *fides quae*, respectivamente o ato de fé e o conteúdo da fé, também na aprendizagem na fé “[...] revelam-se inseparáveis, na medida em que ambos estão intrinsecamente ligados e mutuamente determinados [...]: o que é aprendido aponta para a realização na fé como a forma viva da vida.”¹³³(tradução nossa).

Na perspectiva da tarefa e prática da igreja, a “aprendizagem na fé é indispensável para a vida de uma igreja que se entende como criatura da palavra e, portanto, deve pressupor o sacerdócio de todos os crentes: ela depende do discurso dos crentes sobre sua fé.”¹³⁴ (tradução nossa). É falando sobre a fé aprendida e vivida que se estabelece o testemunho da igreja enquanto um corpo, um grupo de pessoas que vivem experiências comuns de fé, que amadurecem sua forma de viver os princípios da fé cristã na prática, que cooperam reciprocamente para que

[...] suas vidas sejam moldadas e modificadas pelo evangelho; eles se estendem em sua abertura para o desconhecido, bem como na abertura para suas próprias perguntas e dúvidas, sempre de novo para uma forma viável de igreja. A aprendizagem na fé só acontece quando as pessoas se tornam abertas e atentas à fé e se deixam moldar por ela.¹³⁵ (tradução nossa)

Portanto, para a apropriação do conceito de aprendizagem na fé, é indiscutível a importância da igreja “[...] na medida em que é o lugar onde o Evangelho de Jesus Cristo é ouvido e atinge as pessoas de várias maneiras: no culto a Deus e na pregação, na conversa pastoral, no encontro e confronto sobre as questões da fé.”¹³⁶ (tradução nossa). É essencial que a igreja reflita e perceba os diferentes contextos de sua prática, quando ela busca a forma de ser a palavra criada, revelada e crida. Conforme afirma Rodrigues, contexto de formação cristã é “[...]”

133 SCHOBERTH, 1998, p. 6. “[...]*erweisen sich darum [...] als untrennbar verbunden, insofern beide unabdingbar aufeinander verweisen und sich wechselseitig bestimmen. [...]Das, was gelernt wird, verweist auf die Realisierung im Glauben als lebendige Gestalt des Lebens.*”

134 SCHOBERTH, 1998, p. 3-4. “*Glauben-lernen gehört unverzichtbar zum Leben einer Kirche, die sich als creatura verbi versteht und die darum das Priestertum aller Gläubigen voraussetzen muß: Sie ist angewiesen auf den Diskurs der Gläubigen über ihren Glauben.*”

135 SCHOBERTH, 1998, p. 6. “[...] *lassen ihr Leben durch das Evangelium formen und prägen; sie strecken sich in der Offenheit für Fremdes wie auch in der Offenheit für eigene Fragen und Zweifel, immer wieder neu nach einer lebhaften Gestalt von Kirche aus. Glauben-lernen geschieht nur dann, wenn Menschen offen und aufmerksam werden für den Glauben und sich durch ihn formen lassen.*”

136 SCHOBERTH, 1998, p. 8. “[...] *insofern diese der Ort ist, an dem das Evangelium von Jesus Christus gehört wird und in verschiedenen Weisen Menschen erreicht: in Gottesdienst und Predigt, im seelsorglichen Gespräch, in der Begegnung und Auseinandersetzung um die Fragen des Glaubens.*”

todo encontro em que a palavra de Deus esteja sendo utilizada como orientação e testemunho para a vida a partir da fé cristã, entre as diversas gerações que participam da vida na comunidade”¹³⁷.

Thomas Groome identifica três dimensões da aprendizagem na fé¹³⁸ que cooperam para a integralidade do ser, com base nas três dimensões apresentadas por Tillich quando este diz que “a fé, do ponto de vista bíblico, é um ato de toda a personalidade. Dela participam a vontade, o conhecimento e a emoção”¹³⁹. Ou seja, aprender na fé não é só aprender espiritualmente, mas envolve a cognição, a afetividade e a atitude.

Da cognição faz parte a atividade de pensar sobre o conhecimento historicamente acumulado, a interpretação da experiência humana, a compreensão do que significa viver a fé cristã no mundo e a instrução quanto à expressão da fé. A afetividade envolve o desenvolvimento de confiança, da relação de intimidade entre o ser humano e Deus, que molda e é moldada pela relação que se desenvolve com outras pessoas. A atitude é denominada dimensão *atitudinal*¹⁴⁰ e é caracterizada pela ação corajosa e coerente de viver em resposta ao presente de Deus, de confessar uma fé em atitudes de participação no mundo, de viver a serviço da vida plena, em que se renovam fé, esperança e amor.

Por outro lado, quando estas dimensões não são observadas e atendidas no processo de formação e aprendizagem na fé, pode acontecer a falta de maturidade na fé. É significativa a contribuição de Pohier quando afirma:

Todas as confissões cristãs compartilham da mesma preocupação: obter dos fiéis que vivam a sua fé, não mais como simples crianças, mas de maneira pessoal, lúcida, consciente, refletida, responsável, etc. [...] Falar da passagem à fé adulta é reconhecer a imaturidade e, até mesmo, um certo infantilismo do pensamento religioso, tal como é de fato vivido pelos fiéis.¹⁴¹

É correto afirmar que a criança, o adolescente, o jovem podem ter uma fé inteira e madura de acordo com a fase de desenvolvimento em que vivem. Porém, apresenta-se como problema na formação cristã, quando as pessoas crescem e não amadurecem, ou seja, quando os adultos, que se consideram maduros, apresentam

137 RODRIGUES, Marilze Wischral. **Formação continuada de educadores cristãos: vivendo a fé cristã no culto infantil**. São Leopoldo: EST/IEPG, 2007, (Dissertação de mestrado) p. 22.

138 GROOME, 1985, p. 124-128.

139 GROOME, 1985, p. 105.

140 Thomas Groome utiliza o termo comportamental, decorrente do pensamento comportamentalista. Numa reinterpretação e apropriação do conceito, opta-se pela expressão *atitudinal*, por ser mais abrangente e ter relação direta com a ética.

141 POHIER, J.-M. **Psicologia da inteligência e psicologia da fé**. São Paulo: Herder/Edusp, 1971, p. 5.

atitudes de fé que revelam imaturidade na vida com base em princípios da fé não apreendidos.

É possível perceber que “por falta de maturidade, a análise da verdade religiosa parece custar um abalo da relação intelectual e afetiva com o Deus onisciente e onipotente, senão, até mesmo, a ruptura dessa relação”¹⁴². Quando a maturidade na fé não acontece dentro do processo de desenvolvimento integral do ser humano, “não é raro encontrar fiéis cujo pensamento científico é perfeitamente desenvolvido, mas que conservam uma mentalidade infantil no que diz respeito ao governo divino e à providência”. A incoerência entre o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento na fé “resiste mal à passagem dos anos e ainda se mostra mais frágil quando é chegado o momento de transmitir a vivência religiosa às gerações seguintes”¹⁴³.

Reconhecer que falta maturidade na fé e que se vive um infantilismo religioso é um bom começo para que a Igreja de Jesus Cristo seja responsável e diligente pela formação na fé que promove, e assim poder cumprir sua missão no mundo, sendo o testemunho cristão coerente com a fé confessada e relevante na sociedade onde se acha inserida.

4 REFERÊNCIAS

A BÍBLIA **Sagrada**: tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

AGOSTINHO. **De Trinitate**. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/agostinho_de_hipona_de_trinitate_livros_ix_xiii.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2018.

AMATUZZI, Mauro M. Fé e ideologia na compreensão psicológica da pessoa. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**. [S.l.], v. 16, n. 3, 2003, p. 569-575. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a15.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

_____. **Psicologia do desenvolvimento religioso**: a religiosidade nas fases da vida. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

ARENILLA, Louis *et al.* **Dicionário de pedagogia**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

142 POHIER, 1971, p. 70.

143 POHIER, 1971, p. 76.

BEASLEY-MURRAY, George R. **Word Biblical Commentary**. Texas: Word Books Publisher, 1987.

BÍBLIA **Conselheira** – Novo Testamento. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BÍBLIA de **Almeida Revista e Atualizada**. Disponível em: <<https://www.bible.com/pt/bible/1608/HEB.6.ARA>>. Acesso em: 04 out. 2018.

BÍBLIA de **Estudo Almeida**. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BÍBLIA Sagrada. **Edição pastoral**, 1990.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**, 1985.

BONNET, Luis; SCHROEDER, Alfredo. **Comentario Del Nuevo Testamento: Juan e Hechos**. El Paso, Texas: Asociacion Bautista Argentina de Publicaciones/Casa Bautista de Publicaciones, 1986.

BOOR, Werner de. **Atos dos Apóstolos**. Curitiba: Esperança, 2003.

BRUCE, F.F. **João**. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

CABALLERO, Basílio. **Nas fontes da palavra: leitura, meditação e anúncio: Ano A**. Aparecida/SP: Ed. Santuário, 1992.

CAMINHO E TESTEMUNHO. São Bento do Sul: União Cristã, 1988. v. 2.

COMBLIN, José. **Comentário bíblico: Atos dos Apóstolos**. v. I: 1-12. Petrópolis: Vozes/Metodista/ Sinodal, 1988.

DODD, Charles Harold. **A interpretação do quarto evangelho**. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

FOWLER, James W. **Estágios da fé** – A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido. São Leopoldo: Sinodal/EST-IEPG, 1992.

FRAAS, Hans-Jürgen. **A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

FREIGHTMAN, C.G. **James W. Fowler, 75: Theologian, author ‘embodied the faith he studied’**. Atlanta: The Atlanta Journal-Constitution, 21 oct. 2015. Disponível em: <<http://www.myajc.com/news/news/local-obituaries/james-w-fowler-75-theologian-author-embodied-the-f/nn7P7/>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D’Água, 1993.

GROOME, Thomas H. **Educação religiosa cristã**: compartilhando nosso caso e visão. São Paulo: Paulinas, 1985.

GUTHRIE, Donald. **A carta aos hebreus**. Introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

HEMPELMANN, Heinzpeter. Glaube als Beziehungswirklichkeit. In: ZIMMERMANN, Johannes und SCHRÖDER, Anna-Konstanze (Hg.). **Wie finden Erwachsene zum Glauben?** 2. Auflage. Göttingen: Neukirchener, 2011, p. 39-44.

HOFMANN, Beate. **Sich im Glauben bilden**. Der Beitrag von Glaubenskursen zur religiösen Bildung und Sprachfähigkeit Erwachsener. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2013.

KÜMMEL, W.G. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2004.

LAUBACH, Fritz. **Carta aos Hebreus**: comentário esperança. Curitiba: Evangélica Esperança, 2000, p. 17.

LUTERO, Martim. **Martim Lutero – Palavras**. Disponível em: <www.luteranos.com.br/site/conteudo_organizacao/confessionalidade-luteranos-em-contexto/martim-lutero_palavras>. Acesso em: 06 dez. 2018.

_____, Martinho. **Os catecismos**. Porto Alegre/São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1983, p. 371-372.

MARQUES, Ramiro. **Dicionário breve de pedagogia**. Lisboa: Editorial Presença, 2000. Disponível em: <http://pedagogiaaopedaleta.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2011/10/Dicionario_de_pedagogia.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2015.

METTE, Norbert. **Pedagogia da religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MICHAELIS: dicionário prático da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

PESCH, Rudolf. Die Apostelgeschichte. 1. Teilband (Apg 1-12). In: BLANK, Josef; SCHNACKENBURG, Rudolf; SCHWEIZER, Eduard und WILCKENS, Ulrich (Hrsg.). **EKK Evangelisch-Katholischer Kommentar zum Neuen Testament**. Zürich, Einsiedeln, Köln/Neukirchen-Vluyn: Benziger Verlag/Neukirchener Verlag, 1986, p. 292.

POHIER, J.-M. **Psicologia da inteligência e psicologia da fé**. São Paulo: Herder/Edusp, 1971.

RODRIGUES, Marilze Wischral. **A experiência de fé em cada fase do desenvolvimento humano**. In: **Vox Scripturae** – Revista Teológica Brasileira. São Bento do Sul, v. 18, n. 2, p. 131-137. Disponível em: <<http://vox.flt.edu.br/download/12/97/a-experiencia-de-fe-em-cada-fase-do-desenvolvimento-humano>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

_____. **Formação continuada de educadores cristãos: vivendo a fé cristã no culto infantil**. São Leopoldo: EST/IEPG, 2007. (Dissertação de mestrado)

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/santo_agostinho_-_confissoes.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2018.

SCHOBERTH, Ingrid. **Glauben-lernen**. Grundlegung einer katechetischen Theologie. Stuttgart: 1998.

SMITH, W. C. **Faith and belief**. Princeton: Princeton University, 1979, p. 12 *apud* FOWLER, 1992, p. 21.

STOTT, John. **Crer é também pensar**. São Paulo: ABU, 2001.

STRECK, Danilo R. Fé e Desenvolvimento Humano. In: **Estudos Teológicos**. São Leopoldo/RS, v. 32, n. 2, 1992, p. 209-211. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/971/940>. Acesso em: 02 jul. 2018.

TILLICH, Paul. **Biblical religion and the search for ultimate reality**. Chicago: The University of Chicago Press, 1955, p. 53 *apud* GROOME, 1985, p. 94.

_____. **Dinâmica da fé**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

_____. **Teologia sistemática**. 5.ed. revista. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2005.

VALENTE, José Armando. Aprendizagem continuada ao longo da vida. In: KACHAR, Vitória (Org.). **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez Editora, 2001, p. 27-44.